

Médico planeja criar fundação

Iniciativa também quer atrair pesquisadores de todo o mundo

WAGNER MELO
REPÓRTER

“O céu é o limite”, diz Hemerson, em seu apartamento na Ponta Verde. O pensamento tem sentido, pois os projetos dele são ambiciosos, porém, com os pés no chão. O cardiologista idealiza a criação de uma fundação e a construção de um centro de pesquisas clínicas, voltado inicialmente para o tratamento contra a ELA e, posteriormente, para outras doenças raras.

A ideia é oferecer um tratamento diferenciado para os pacientes e atrair pesquisadores do Brasil e do mundo para desenvolver pesquisas. Parte do lucro das descobertas seria destinado ao desenvolvimento do método e outra iria para um fundo, cuja verba seria doada a pesquisadores que precisem de dinheiro para desenvolver seus trabalhos. No futuro, será criado um comitê científico para selecionar as propostas.

“A ideia é implantar o modelo americano, que une a academia com desenvolvimento econômico”, explica. Já há uma economista debruçada na elaboração do plano de negócios e Hemerson já busca parceiros. Um fazendeiro do município de Porto Calvo doou uma área de 15 hectares para a construção do centro de pesquisa clínica.

A Universidade Federal de Alagoas (Ufal) também disponibilizou 10 hectares para a iniciativa, mas Hemerson pensa no impacto social que a obra geraria no município de Porto Calvo e regiões vizinhas.

Ele diz que é um projeto para se concretizar daqui a 10 ou 15 anos. “Nossa ideia é desenvolver a economia do conhecimento. Onde fui buscar, achei muita teoria e pouca prática”, alfineta. A ideia dele é promover avanços científicos e envolver a comunidade nesse processo. O projeto visa ainda capacitar professores, construir laboratórios para crianças nas escolas e criar prêmios de incentivo à produção científica.

“O Brasil não quer ser bom em tudo? Então, por que não ser o melhor em ciência?”, questiona.

Antes de ser diagnosticado com ELA, o cardio-



Cardiologista já não mexe os membros e só se movimenta em uma cadeira de rodas

Sinais

Antes da doença, Hemerson era um atleta exemplar e sentiu os primeiros sinais durante uma corrida

logista Hemerson Casado era um atleta tão bom e dedicado quanto na profissão, que exercia com paixão. Além da Santa Casa de Misericórdia de Maceió, ele atendia aos pacientes em uma clínica num shopping center de Maceió e ainda tinha tempo de dar atenção aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), noutra unidade de saúde. “Eu trabalhava 24 horas por dia”, brinca.

Em 2010, sentindo-se “gordinho”, Hemerson tentou várias dietas, mas, sem sucesso. Então, começou a praticar atividades esportivas, sobressaindo-se em todas elas. Na natação, sagrou-se campeão alagoano, foi primeiro lugar no Norte/Nordeste de Atletismo e teve participações destacadas na Corrida da Lua, em Maceió e no Iron Man, em Santa Catarina.

Traíçoeiramente, os primeiros sinais da doença apareceram em 2012. “Durante uma corrida, senti minha perna diferente, não completava a passada e tinha a sensação de que iria cair”, conta. Em outra ocasião, após ter nadado e caminhado, parou em um barzinho na orla marítima para tomar cerveja com amigos e teve o primeiro grande susto. “Na hora em que fui fazer xixi, minha perna não se sustentou e não aguentei”, lembra.

“Procurei o fisiatra, que suspeitou de encurtamento muscular”, afirma. Mas, em julho daquele ano, outro sintoma da esclerose lateral amiotrófica apareceu. “Eu senti uma tremeira e pensei: isso não é normal, eu conheço o meu

corpo”. Ele decidiu viajar para uma clínica no Espírito Santo, onde fez o exame de eletroneuromiografia, que tirou-lhe as dúvidas. “Tive um diagnóstico recorde, muita gente passa três anos perambulando, sem saber o que, realmente, tem”, explica.

Conforme o médico alagoano, que teve de se aposentar e colocou as empresas seguradoras na Justiça para receber a assistência a que tem direito, em muitos casos a ELA é confundida com Alzheimer, Acidente Vascular Cerebral (AVC) e Mal de Parkinson. Mesmo assim, ele reconhece que o tempo de diagnóstico, por enquanto, não faz muita diferença. “Como não tem cura, não muda nada”, diz.

Hemerson começou a se tratar na Rússia, no entanto, o tratamento doloroso que incluía várias picadas de injeção, não deu resultado. “Nessa hora, a gente acredita em tudo”, lamenta-se. Ele já peregrinou por países como Cuba, China, Alemanha, Itália, Estados Unidos e Israel, onde encontrou um laboratório que desenvolve o tratamento, em fase experimental, que quer trazer para o Brasil.

A rotina dele inclui acupuntura, acompanhamento de nutricionista, fisioterapia, muitas horas de sono e, agora, tem que fazer fonoaudiologia. Sem contar as inúmeras horas que dedica a estudar a doença e buscar apoio para seus projetos. Os cuidados exigem remédios caros. Uma caixa de Riluzol – que dá uma sobrevida de seis meses aos pacientes – custa US\$ 10 mil.



HEMERSON
CASADO
CARDIOLOGISTA

“Nossa ideia é desenvolver a economia do conhecimento. Onde fui buscar, achei muita teoria e pouca prática”